



A IMAGEM DA MULHER AÇORIANA EM SÃO PAULO

Elis Regina Barbosa Angelo¹

Um Pouco da Vida Açoriana em São Paulo

Ao tentar entender os modos, hábitos e costumes da mulher açoriana na cidade de São Paulo representada por uma "imagem" criada de batalhadora, trabalhadeira, econômica e versátil, além de mãe e cuidadora, algumas interpretações podem ser sugeridas a partir da conjuntura político-ideológica de um tempo no qual as repressões se posicionavam de maneira aberta, mas tentando nas entrelinhas formatar uma forma de garantir reais distinções entre o sexo masculino e feminino em Portugal.

Essa imagem de uma mulher casta, doméstica, obediente e submissa era o modelo de feminilidade “aceitável” e “recomendável” durante o Estado Novo, momento em que parte da comunidade vem para a cidade.

As questões da feminilidade e da reprodução faziam parte das ideologias do Estado Novo, como ponto de partida para a continuidade da existência. A realização pessoal e familiar estava concentrada na maternidade, como ponto alto da feminilidade. Essa visão de mãe foi propaganda de como eram as mulheres portuguesas, cheias de vida e de filhos.

O lema salazarista *Deus, Pátria, Família*, não conseguia “regular” apenas por meio da autoridade patriarcal, a malha social no que se refere à simbologia da maternidade, assim, criou a OMEN, a Obra das Mães para a Educação Nacional, a fim de garantir e legitimar suas idéias de “família perfeita”.

Apesar dessa criação de “imagem” feminina pensada no Salazarismo, as mulheres do meio rural, praticamente de onde vieram todas as açorianas, tinham em sua construção social algo voltado para a educação familiar, já que no meio em que viviam trabalhavam em casa, cuidavam dos filhos

¹ Graduada em Turismo pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1997), mestre em Turismo Ambiental e Cultural Planejamento e Gestão pelo Centro Universitário Ibero Americano (2003) mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2005). Doutoranda em História pela PUCSP. Foi diretora da Faculdade de Turismo por 8 anos na Universidade de Santo Amaro. Tem experiência na área de Turismo, com ênfase em Patrimônio e História, atuando principalmente nos seguintes temas: formação superior, coordenação e direção; pesquisa e extensão nas áreas de Turismo, Eventos, Hotelaria, História Social, Gênero e Patrimônio Cultural. Desenvolvimento e Coordenação de cursos de Graduação, Graduação Tecnológica e Pós-Graduação. Pesquisadora das áreas de História e Turismo. Atualmente leciona como professora Assistente no curso de Turismo presencial e EaD na UFRRJ. Contato: eangelo@ufrrj.br



e ainda trabalhavam no campo para garantirem junto a seus maridos o sustento das famílias. Homens, mulheres e crianças trabalhavam juntos e de forma organizada, tendo como base a construção do lar e o reforço geracional que já vinha com a criação desse modo de vida.

Sendo a família, considerada célula vital da sociedade portuguesa, as idéias de mulher batalhadora, incansável, casta, e forte já antecedia a vinda ao Brasil, pois, esse era o cotidiano especialmente no meio rural e nas pequenas cidades, com atenção às ilhas açorianas, onde existiam menos contradições ideológicas de mulheres na política.

Com a chegada na cidade, as mulheres mudaram um pouco seus comportamentos no que se refere às práticas de trabalho, vindo a trabalharem em fábricas, indústrias e outras atividades externas, o que diferenciava muito a vida que tinham nos Açores.

Das questões posicionadas durante o Regime de Salazar às mulheres cabia o trabalho doméstico e a criação dos filhos e, ao homem o trabalho externo, além do cuidado com a terra, impedindo atividades sociais que viessem a contribuir para eventuais práticas políticas entre grupos que enfraquecesse os ideais políticos no momento histórico em que viviam, pois, dessa forma, não teriam tempo para tais práticas ativistas.

A criação da Imagem no Salazarismo

Apesar das Ilhas açorianas conhecerem um lado diferenciado da vida nas cidades, merece um olhar distinto daquele colocado durante o Regime no país. A educação formal, em casa pelos pais e especialmente na Igreja tinha uma intrínseca formatação dos indivíduos, que apregoava um ser reto, com princípios fortes de educação e religião, buscando sempre não desvirtuar a família em quaisquer que fossem sua natureza.

Numa publicação do Secretariado Nacional de Propaganda, Economia Doméstica, de 1945, estabelecia-se um paralelo entre a arte de gerir a casa e a de gerir o Estado. Argumento que ilustra o caráter tênue das fronteiras entre o privado e o público. De facto, as mulheres poderiam penetrar no público argumentando que se ocupavam de um modo notável das suas famílias e que estavam devido a essa experiência, à altura de exercer funções públicas, partindo do princípio que o Estado não é mais que um conglomerado de famílias. (...) Mas o Estado Novo preferiu ater-se à ideologia fundada sobre a “diferença natural dos sexos” que fez, implicitamente, o elogio da diferença, da complementaridade dos papéis próprios à mulher e ao homem(...)²

Na imagem buscada especialmente do sexo feminino, havia um lema que reitera essa observação, conforme se pode interpretar nas linhas do que intencionava Salazar, colocar o homem e a mulher em lugares definidos pela diferença natural dos sexos.

² COVA, Anne. PINTO, António Costa. *O Salazarismo e as Mulheres: Uma Abordagem Comparativa*. Revista Penélope N. 17, 1997, pp.72-73.



MULHER PORTUGUESA:
GRAÇAS AO ESTADO NOVO
TENS

A estabilidade da família ♦ A liberdade religiosa
A ordem social ♦ A paz que preservou o nosso país
da catástrofe e das destruições da guerra

Se teu marido, teus irmãos, teus filhos vivem,
se não marcharam para os campos de batalha,
A SALAZAR O DEVES!

Se teu noivo não foi morrer em terra estranha, sob as tempestades de ferro e fogo e podes constituir um lar feliz e tranqüilo,
A SALAZAR O DEVES!

Se a teus filhos não faltam o abrigo e o pão, se a tua casa não foi destruída, arrasada a fábrica onde os teus trabalham, talados os campos donde te vêm os frutos da natureza,
A SALAZAR O DEVES!

Mães, Espôsas, Noivas de Portugal,

VOTAI POR SALAZAR

Imagem: A informação sobre as mulheres de Portugal no Regime Salazarista³

As mulheres açorianas tiveram durante o Regime de Salazar uma “certa” aderência aos princípios e estratégias familiares no país. A busca por possibilidades de trabalho externo ao ambiente familiar era uma utopia durante esse momento político estrutural das Ilhas. O trabalho para o gênero masculino já não era algo fácil de conseguir, mas para as mulheres era ainda mais difícil e pouco cogitado. Os trabalhos de bordar, tecer e fazer rendas era algo que ficou conhecido na história do artesanato de diversos tipos de rendas.

Esse tipo de trabalho era considerado um trabalho domiciliar com possibilidade de ganhos para as famílias, motivo pelo qual, muitas mulheres mantiveram o “saber-fazer” por diversas gerações.

³ PIMENTEL, Irene. *A situação das mulheres no século XX em Portugal* Caminhos da Memória. Publicado em 07 de junho de 2008. 05 páginas. Disponível em: < <http://caminhosdamemoria.wordpress.com/2008/07/07/a-situacao-das-mulheres-no-seculo-xx-em-portugal-1>>. Acesso em: 20 de janeiro de 2010.



Com as crescentes crises de emprego e renda nas ilhas e com a possibilidade de que os filhos e maridos fossem para as colônias africanas em tempos de repressão portuguesa, a emigração para o Brasil e outros países como Canadá e Estados Unidos foi à saída para muitos açorianos.

As mães, esposas, filhas e netas que buscaram no Brasil um refúgio aos problemas enfrentados pelas dificuldades econômicas e sociais no país de origem são facilmente verificadas durante a chegada nas vilas industriais como é o caso da Vila Carrão na Zona Leste de São Paulo.

Quase sempre as mulheres aderiam ao trabalho nas fábricas, trabalhavam por cerca de doze horas diárias, muitas vezes famílias inteiras no mesmo lugar. As mulheres ganhavam menos e as crianças também, no entanto, todos participavam do trabalho externo. O objetivo era na maioria das vezes pagar as contas advindas da viagem ao Brasil, muitos tinham dívidas com parentes e amigos nos Açores.

Ao passo que vinham para a cidade de São Paulo criavam redes de relacionamentos com seus compatriotas que já estavam alojados na cidade. A vida cotidiana girava em torno de trabalho e religião. As festividades e os momentos de tempo livre e lazer eram na maioria das vezes centralizados nos encontros religiosos, seja nas festas, na Igreja e mesmo na casa e seu entorno.

(...) Eu lembro muito da minha mãe, da gente participar de procissões sempre vestidos de anjinho... Então, a gente sempre teve essa parte religiosa, muito forte do católico mesmo. Então, isso ela sempre teve com a gente. Mas, também, a nossa infância, foi uma infância que a gente viveu muito nós, entre os irmãos. Por que minha mãe trabalhava e meu pai trabalhava. A vida deles, também, no começo, foi difícil, porque eles vieram de lá, praticamente sem nada, e vieram reconstruir uma vida aqui; aí também começaram também do nada. A minha mãe entrava das 06h00minhs às 02h00minhs e meu pai da 01h00minhs às 10h00minhs, então, a gente nunca tinha o pai e a mãe juntos. Só depois de muito tempo é que a gente passou a ter isso em casa. Meu irmão, que foi o terceiro, ele teve problema no coração, então minha mãe teve que deixar o trabalho para poder cuidar dele e tudo o mais, foi quando a gente acabou tendo ela em casa. Mas a gente nunca foi assim de você falar e fazer brincadeiras dos Açores, coisas que eles faziam, não. A gente tinha a parte religiosa e a culinária que foi sempre muito forte dentro de casa.⁴

Nos Açores a vida cotidiana girava em torno da casa e da Igreja, até pela construção espacial das ilhas, que de certa forma não permitia grandes deslocamentos e menos ainda a interação com outros elementos culturais distintos. A informação chegava de forma um pouco mais morosa, as mulheres já detinham um comportamento centralizado na vida simples e correta do dia a dia. Quando saem das ilhas e chegam ao Brasil, suas redes de relações se ampliam, tornando a vida de certa forma diferente do que conheciam. No entanto, os laços familiares e as redes de relações com os compatriotas eram as mais comuns no seu cotidiano.

⁴ Entrevista realizada com a Senhora Leonilda dos Reis Jacob no dia 27 de junho de 2009 na Casa dos Açores de São Paulo.



O trabalho nas fábricas por longas jornadas era também visualizado no dia a dia das famílias que buscavam no trabalho a expectativa de melhores condições de vida para seus filhos no novo país.

Ao mesmo tempo em que essas mulheres vinham com uma educação rígida e completamente ancorada nas entrelinhas da trilogia salazarista, buscavam deixar de lado as proibições de todos os aspectos e inserir novos elementos advindos da multiplicidade de contatos feitos em seu trabalho nas fábricas. Mas ainda assim, mantinham em sua grande maioria as virtudes já cristalizadas em suas mentes e comportamentos.

Observa-se que, com a vinda das açorianas para a cidade de São Paulo poucas foram as alterações no seio familiar, no qual “a educação dos filhos era marcada pela presença das mães, que acentuavam as virtudes domésticas e a tradição”.⁵ Numa das falas de uma açoriana que vive na Vila Carrão, pode-se observar essa questão de orgulho e felicidade da família: “Então, para mim a família é tudo. E quando eu leio meus versinhos eu me sinto menina, eu me sinto com quatorze, quinze anos... Ah! Eu me sinto Feliz !”⁶

Quando questionado sobre as diferenças entre os homens e as mulheres nos Açores, o Senhor José de Arruda Soares coloca:

Olha não havia muita diferença, não “a mulher açoriana era pau pra qualquer obra...” Tanto na... não na hora de preparar a terra, mas depois disso, na colheita ela estava sempre presente, né? Minha mãe no início da vida ela que ia cuidar das vaquinhas, também meu pai trabalhava na cidade, então as mulheres ajudavam sempre, né... sempre ajudaram os homens, né, quer dizer, as mulheres praticamente também é..era os esforço de trabalho dela, não há muita diferença do trabalho do homem, não.Então se era função de tecelã era fazia a função de tecelã..As vezes até melhor do que do próprio homem, né, eu não vejo, não vi, pelo menos na minha opinião não vejo diferença nenhuma, né. Claro trabalho pesado, carregar pedra, né por que... Como você viu nos Açores, então tinham que tirar todas aquelas pedras da agricultura e fazer aquelas reparações aqueles muros, serviço mais pesado realmente eras pros homens, né? Mas ela tava sempre presente até na dedicação de preparar refeição pros homens da terra, levar... Muitas vezes minha mãe preparava, meus irmãos estavam na lavoura, o pessoal estava nos pastos e ela ia levar comida pra eles... no campo, né? ⁷

As idéias que correspondem às diferenças entre homens e mulheres quase sempre são colocadas no que tange ao trabalho. Quanto às questões de hierarquia e formalidades essas diferenças não são usualmente definidas, pois a sociedade da época ainda detinha como normal essa linha divisória de trabalho e de poder.

⁵ PASCAL, Maria Aparecida Macedo. *Portugueses em São Paulo: A Face Feminina da Imigração*. São Paulo: Expressão & Arte Editora, 2005. p.145.

⁶ Entrevista da Prof.a Dr.a Maria Aparecida Pascal à Senhora Maria Joana Rezende Rodrigues.

⁷ Entrevista realizada na casa dos Açores de São Paulo no dia 07 de julho de 2008 com o Senhor Henrique de Arruda Soares.



As mulheres na construção Social das Festas: Um olhar focalizado no “saber-fazer”

Mesmo na contemporaneidade, alguns traços são visivelmente representados nas ações das açorianas que vivem para os filhos, genros, noras e netos, procurando de certa forma transmitir suas tradições, gestos, costumes e hábitos cotidianos.

Durante as festividades que ocorrem na Casa dos Açores de São Paulo, as mulheres representam a maior parte do trabalho, especialmente por conta de serem as responsáveis pela confecção da comensalidade.

Os diversos momentos da festa, momentos principais e momentos secundários parecem todos demarcados por formas específicas de preparação, apresentação, distribuição e consumo de alimentos. A fartura no que se refere a comidas e bebidas assinala simbolicamente esse tempo renovado, esse tempo de generosidade em que o cosmos e a natureza oferecem seus frutos. Em outras palavras, nessa mediação entre um tempo de escassez e um novo tempo de fartura, o “sistema culinário” parece desempenhar papel simbolicamente decisivo.⁸

Às mulheres cabe a confecção da maior parte dos festejos, seja do preparo dos pratos, seja da organização da festa como um todo. Mas as intenções da festa sempre partem da simbologia que o Espírito Santo lhes confere, a de compartilhar alimentos e práticas de cunho social.

Os pratos típicos passam dias sendo preparados. Todos os produtos comercializados, doados ou compartilhados durante a festa são feitos na própria Casa dos Açores e as mulheres ficam intensivamente organizando todos os tempos da festa. Quando aborda essa questão, Dona Leonilda, filha de imigrante açoriana comenta de forma minusciosa o trabalho da mãe e a forma com que se dedica exclusivamente à construção da festa enquanto uma das muitas açorianas que desse espaço fizeram uma extensão de suas casas e de seu país de origem.

(...) a gente faz assim, o nosso trabalho começa realmente, por volta de Janeiro. O trabalho forte que eu falo, o trabalho que é: em Janeiro, eu sento com elas e a gente ali determina o cronograma das atividades, o que nós temos prá fazer até a Festa. Então, ali a gente marca o dia que nós vamos fazer a alheira, o dia nós vamos fazer a lingüiça, o dia que nós vamos fazer a morcela, que são produtos que tem que estar muito antes prontos prá Quermesse, tá? Então, a gente acaba se juntando: o dia que nós vamos desfiar o bacalhau, o dia que nós vamos ver a carne que vai nos lanches lá prá Quermesse. Então, nós temos um cronograma, depois se você quiser, eu te passo até o modelinho. O dia que a gente vai lavar as tripas, o dia que a gente vai amarrar as tripas... Então, isso, em Janeiro a gente senta... a partir dali, praticamente, a gente não tem final de semana livre. A gente trabalha quase todos os finais de semana. Então, hoje nós fazemos nos finais de semana; até anos atrás, há uns cinco anos atrás elas faziam durante a semana. Mas, as senhoras foram ficando velhinhas, outras foram morrendo e começou a ficar meia dúzia, e elas não davam conta. Então, prá que a gente possa ajudar, como todos nós... nossa geração trabalha fora, minha geração trabalha fora, então a gente fica livre de sábado e domingo, então no sábado e domingo a gente vem, e é onde a gente faz o nosso trabalho.⁹

A Casa possui uma conotação emocionalmente construída, como se fosse um pedaço dos Açores, aliás, como se fosse um pedaço reconstruído dos Açores, onde recriaram uma identidade ou

⁸ CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *As Festas e os Dias: Ritos de Sociabilidades Festivas*. Rio de Janeiro, Contra Capa, 2009. p.26.

⁹ Entrevista realizada com a Senhora Leonilda dos Reis Jacob no dia 27 de junho de 2009 na Casa dos Açores de São Paulo.



múltiplas identidades advindas em grande parte de costumes comuns aos seus conterrâneos. Os espaços de onde vieram e de onde gostam de rememorar fatos e atos tanto do cotidiano como dos dias de festa, quando viam suas mães e avós partilhando das mesmas ações, hoje elaboradas por elas com muito orgulho de suas raízes, são visivelmente observadas nas atitudes individuais e coletivas.

A gente tem dia, que a gente faz alheira, são quarenta pessoas que tão ajudando a gente. Começa, a gente tá aqui 06h00minhs da manhã, vamos até 05h00minhs da tarde sem parar. É trabalho o tempo todo. Então, você tem várias atividades... Ah! Prá fazer a alheira, você tem que ter o dia de cortar o pão duro, sabe, então, são todos os preparativos que você tem que pensar prá fazer aquele produto. Não é você chegar aqui e tá tudo... Não, tem que encomendar a cabeça, tem que limpar a cabeça do porco... Então, tudo isso a gente tem: o dia de limpar a cabeça do porco, o dia de cortar o pão, então, tenho isso muito bem detalhado, prá gente definir a data. Claro, que sempre tem um ajuste: você esquece um feriado, pintou um casamento... Então, vamos pegar e vamos mudar... Aí, este ano, por exemplo, a gente tinha o dia 18 de Abril, que era o dia do casamento da Gláucia, que é filha de uma... que é nossa ensaiadora do Folclore. Então, naquele dia, não podemos usar este final de semana, porque todo mundo vai pro casamento, ninguém vai cansado pro casamento... Então, você tem que estar pensando em tudo isso... em paralelo com tudo isso, várias coisas estão acontecendo: você tem a parte dos Terços, que começa no Domingo de Páscoa. A nossa primeira Semana de Terço começa no domingo de Páscoa. Prá você fazer os Terços, não tem problema nenhum, você faz, mas prá você fazer a mudança de uma casa prá outra você tem que ter a autorização do CET, então, você tem que entrar com documentação dentro do CET. Em paralelo, eu tenho uma equipe, que no caso é o Sr. Agostinho, que cuida prá mim da parte comercial, que a gente fala... O que é que é? É ir à Prefeitura; a gente tem que fazer os Ofícios, vai prá Prefeitura, prá Prefeitura conseguir palco, a parte do som, a parte da iluminação prá gente, eu vou atrás da parte da Coca-Cola, de barracas, de cadeiras. Então, várias coisas estão acontecendo ao mesmo tempo. Eu tenho uma equipe que está cuidando das 'Sortes', que é aquele pessoal que vem e paga prá participar do Terço no próximo ano, que é feito no domingo da Festa...¹⁰



Imagem: Mulheres preparando as Alheiras¹¹

¹⁰ Id. Ibid.

¹¹ CASA DOS AÇORES DE SÃO PAULO. Fotos das Festas do Divino Espírito Santo. Disponível em: <<http://www.casadosacores.com/fotos.html>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2007.



Os tempos da festa são divididos entre as mulheres que preparam cada tipo de alimento. A Casa foi aos poucos sendo uma referência de trabalho de construção de festas, que segue um calendário anual, não apenas o Divino Espírito Santo mas dias festivos como Natal, Ano Novo, dia das mães, dia da pizza, dia de bingos, transformando o bairro e os açorianos e seus descendents num espaço de sociabilidade, especialmente para unir o grupo. Apesar de ser uma Casa aberta ao público, que pode participar das festividades, aglomera especialmente os açorianos, principalmente por conta de suas identidades, ou identificações entre as famílias.

Das identificações com o modelo de Salazar, as mulheres já tinham uma questão de construção social voltada para a família, a vinda para o Brasil ocasionou muitas mudanças na vida cotidiana, o trabalho externo, o convívio com outros grupos étnicos e de imigrantes e múltiplas questões de transformação da vida individual e coletiva. No entanto, as mães e avós que vieram mantiveram em muitos aspectos os modos de vida açoriano, que tinha no seio da família a grande idealização de vida.

O comprometimento com a religião, a educação dos filhos e a participação social nos encontros com as mulheres de seus grupos de imigrantes foi se tornando cada vez mais forte e atualmente é percebido nos encontros da casa dos Açores cujo objetivo é exatamente aglomerar seus “iguais” e manter laços afetivos com o país de origem, mantendo também a idéia de identidade da cultura que trouxeram das Ilhas.

Bibliografia

CASA DOS AÇORES DE SÃO PAULO. *Fotos das Festas do Divino Espírito Santo*. Disponível em: <<http://www.casadosacores.com/fotos.html>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2007.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *As Festas e os Dias: Ritos de Sociabilidades Festivas*. Rio de Janeiro, Contra Capa, 2009.

COVA, Anne. PINTO, António Costa. *O Salazarismo e as Mulheres: Uma Abordagem Comparativa*. Revista Penélope N. 17, 1997, pp.71-94.

PASCAL, Maria Aparecida Macedo. *Portugueses em São Paulo: A Face Feminina da Imigração*. São Paulo: Expressão & Arte Editora, 2005

PIMENTEL, Irene. *A situação das mulheres no século XX em Portugal* Caminhos da Memória. Publicado em 07 de junho de 2008. 05 páginas. Disponível em: <<http://caminhosdamemoria.wordpress.com/2008/07/07/a-situacao-das-mulheres-no-seculo-xx-em-portugal-1>>. Acesso em: 20 de janeiro de 2010.



Entrevistas

Entrevista da Prof.a Dr.a Maria Aparecida Pascal à Senhora Maria Joana Rezende Rodrigues.

Henrique de Arruda Soares.

Leonilda dos Reis Jacob.